



DE: Emily Walker <E.Walker@MRPS.com>
PARA: Jack Bennett <J.Bennett@MRPS.com>
DATA: Terça-feira, 19 de dezembro, 18:34
ASSUNTO: IMPORTANTE!

Caro Jack,

Ouvi dizer que vais mudar-te. Bem, só queria ser a primeira a dizer-te isto: não te esqueças de levar toda a tua tralha da sala de convívio. Em particular, os teus repugnantes grãos de café de torra escura.

Com os meus piores cumprimentos,
Emily

DE: Jack Bennett <J.Bennett@MRPS.com>
PARA: Emily Walker <E.Walker@MRPS.com>
DATA: Terça-feira, 19 de dezembro, 18:38
ASSUNTO: IMPORTANTE!

Cara Emily,

É evidente que a minha partida iminente te deixou de mau humor. Mas não te preocupes, um dia voltarás a encontrar a felicidade. Não tenhas medo de chorar quando precisares,

porque, tal como proclama o cartaz que tens pendurado na tua sala de aula, *todos os sentimentos são importantes*.

A desejar-te melhor gosto,

Jack

CAPÍTULO UM

Emily

Não me interessa quem és: quando vives numa terra do tamanho do teu polegar, se saís do cabeleireiro a detestar o resultado, enfiás a tua opinião bem lá no fundo e finges que nada aconteceu.

E é precisamente por isso que prefiro tratar do assunto com as minhas próprias mãos e não deixar que as coisas cheguem a esse ponto. Tenho tendência para dizer tudo o que penso e de levar com as consequências logo a seguir, portanto, sei que, se disser à Virginia que detesto o meu cabelo depois desta marcação, ela nunca mais se vai esquecer. Por volta do meio-dia, já toda a gente na nossa cidade sem um único semáforo saberá que sou a cliente mais esquisita e impossível de agradar que lhe passou pelas mãos. As piadas e as provocações começarão logo de seguida e, às cinco e meia, quando entrar no The Diner, alguém irá aparecer do nada e dizer: «Tens a certeza de que essa mesa é suficientemente boa para ti ou preferes a que reservamos para a rainha?»

E não ficará por aí. A partir desse dia, colocarão uma placa na mesa a dizer «MESA RESERVADA PARA A RAINHA EMILY», e não haverá explicação, protesto ou súplica que os convença a tirá-la.

E se achas que estou a exagerar, fica a saber que foi nesta mesma terra que, no ano passado, organizaram uma petição, com direito a

campanha de difamação e tudo, para convencer a minha irmã mais nova (que tinha vinte e seis anos, já agora) a deixar de namorar com o Will Griffin, porque achavam que ela era boa demais para ele. No fim, o Will conquistou-os (*Annie + Will para sempre*), mas a petição, com a contagem final de assinaturas, está emoldurada e pendurada no The Diner, ao lado da fotografia da Dolly Parton a posar com a cidade. E quando digo a cidade, não estou a brincar: aparece mesmo a maioria dos habitantes. Alguém soube que ela tinha parado para almoçar enquanto estava de passagem, telefonou a outra pessoa que ligou ao primo que avisou a melhor amiga que contactou o namorado da tia, e apareceram todos para uma fotografia de grupo monumental.

Moral da história: *nunca subestimes aquilo que a cidade de Rome, no Kentucky, é capaz de fazer.*

O cheiro a lixívia queima-me o interior das narinas enquanto a Virginia — uma das três únicas cabeleireiras da zona — mistura o pó descolorante com o revelador cremoso mesmo ao lado da minha cara. Mexe aquilo com tal lentidão que um bebé faria melhor figura, mas guardo o comentário para mim e imagino o baú aterrador que criei na minha cabeça, onde tranco todos os meus pensamentos mais mordazes. É feito de aço negro e cravejado de pontas afiadas. Uma coisa mortal. Perfeita para manter a paz no meu dia a dia.

— Bem... eu não gosto de mexericos — começa a dizer a Virginia, entrando na conversa que decorre ao nosso lado entre a Hannah (a outra cabeleireira) e a cliente dela, a Shirley, sobre o motivo pelo qual as encomendas têm chegado atrasadas esta semana. A Shirley é rececionista na escola primária onde dou aulas há mais de vinte e cinco anos. Devora mexericos como quem toma multivitamínicos.

Então, a Virginia continua:

— Mas por acaso vi uma certa pessoa a sair de casa do Brad na outra manhã.

O Brad é o nosso carteiro, caso ainda houvesse dúvidas.

No salão, todas, menos eu, ficam boquiabertas. Estou demasiado ocupada a fitar a taça com o descolorante que não se vai misturar sozinho à medida que a Virginia a balança preguiçosamente diante do

meu nariz. O sorriso atrevido que lança às outras deixa claro que não tenciona apressar o processo das minhas madeixas.

— Estás a dizer que...? — provoca a Hannah, suspendendo o gesto com a tesoura numa mão e, na outra, uma mecha fina do cabelo branco da Shirley, esticada num ângulo perfeito de noventa graus... prestes a ser cortada.

— Sim — confirma a Virginia, com ar significativo, os olhos a brilhar com aquele brilho malicioso típico de cidades pequenas. Se alguém tirasse uma fotografia neste instante, seria a imagem perfeita para descrever Rome, no Kentucky.

— Mas ela é *casada*.

— Não por muito tempo. Quando o Hayes souber o que a mulher anda a fazer com o carteiro *sexy*, aposto que vamos ver as roupas da Evelyn espalhadas pelo quintal e os *boxers* fluorescentes que o Brad insiste em exibir pendurados no mastro da bandeira. — Faz uma pausa, franzindo o sobrolho. — Mas, para ser sincera, não acho que o Brad e a Evelyn fossem um casal assim tão mau.

Por mais divertido que isto seja (e não estou a ser sarcástica, porque também sei apreciar um bom mexerico), sei perfeitamente que o descolorante já aplicado na parte de trás da minha cabeça e embrulhado em papel de alumínio está perigosamente perto de me fritar o cabelo desde a raiz. Preciso que a Virginia aplique esta segunda taça o mais depressa possível, para começar a enxaguar a parte de trás enquanto a da frente continua a atuar. O meu tom natural é loiro-escuro e gosto que as madeixas se misturem na perfeição... não que brilhem tanto que sirvam de farol para os extraterrestres.

A taça volta a ondular diante dos meus olhos, mas, desta vez, decido intercetá-la e pousá-la no colo para mexer o creme com determinação. Como qualquer perfeccionista incurável sabe, se queres que algo fique bem feito, quase sempre tens de ser tu a fazê-lo.

A Virginia nem se digna a olhar para mim. Já está habituada. A cidade inteira está. Quando me aproximo, entregam-me o que têm nas mãos e saem da frente. Normalmente a sorrir, porque sabem que faço o mesmo trabalho em metade do tempo e com a precisão de um agente das forças especiais.

Termino a mistura e passo a taça por cima do ombro, dando-a à Virginia, que se encontra mergulhada até ao pescoço em teorias sobre o que terá levado a Evelyn a trair o marido. A minha próxima vítima: a pilha de folhas de alumínio desarrumadas na bancada. Dobro cada uma antecipadamente, entregando-as uma a uma enquanto a Virginia aplica o resto do descolorante na parte da frente do meu cabelo. Sobra pouco produto, felizmente, por isso acaba depressa e, conforme a parte da frente atua, a Virginia borrrifa água nas folhas de alumínio de trás e retira os papéis com a toalha.

Desligo-me da conversa à medida que o *talk show* improvisado do salão percorre a vida de meia dúzia de habitantes da cidade, expondo os podres de cada um com um toque generoso de «mas não me cabe a mim julgar», não vá o Senhor estar atento.

A Madison, a minha irmã mais nova que está a viver em Nova Iorque e a tirar o curso de culinária, vai ficar furiosa por eu não estar a absorver informação suficiente para depois lhe contar todos os mexericos saborosos. Porém, estou demasiado perdida nos meus pensamentos, a organizar mentalmente a lista de tarefas agora que estou oficialmente de férias de verão e já não tenho uma sala cheia de alunos do segundo ano — traquinas, mas adoráveis — à minha espera todos os dias. Não gosto de deixar pontas soltas, por isso arrumei a sala de aula no último dia de aulas, embora a maioria dos professores só o faça ao longo da próxima semana. Noutros anos iria ajudá-los. Agora estou proibida. Baniram-me depois do verão passado, alegando que não precisavam de um sargento-instrutor com uma prancheta a dizer-lhes qual é a forma mais eficiente de arrumar uma sala de aula. *É justo.*

Como o ano letivo já terminou, posso concentrar-me em tarefas mais próximas de casa:

- ajudar a Mabel a pintar de novo o corrimão da varanda da casa dela;
- terminar o último capítulo do meu romance;
- contactar a câmara por causa do buraco na rua principal;
- ligar ao fornecedor de Internet da Annie e negociar um preço mais baixo.

A última tarefa é mais entretenimento do que obrigação. A Annie, a mais sensível dos irmãos Walker, comentou há dias que só de pensar nessa chamada entrava em pânico, por isso ofereci-me de imediato para o fazer. Não há nada que me dê mais prazer do que medir forças com um vendedor.

E, por incrível que pareça, nem sequer sou a irmã mais velha. Esse título pertence ao Noah. Às vezes, pergunto-me se os meus pais, algures no meio de noites mal dormidas, não terão ficado tão exaustos que se esqueceram de que fui eu quem nasceu primeiro, tal é a diferença entre o seu espírito descontraído e eu. Infelizmente, não posso esclarecer a dúvida, já que os meus pais morreram. Aliás, já não há ninguém a quem perguntar seja o que for sobre a história da minha família, porque em novembro a minha avó — a mulher que nos criou depois de os nossos pais baterem a bota — também morreu. Está tudo morto. *Mortinhos da Silva.*

E sim, gosto de lançar pequenas bombas dessas numa conversa sempre que surge oportunidade, porque o choque é sempre preferível à pena.

O último tipo com quem saí pareceu ficar visivelmente perturbado quando mencionei os pais mortos com um sorriso estampado no rosto. Hoje em dia, estou muito bem solteira por opção. (Também existe a possibilidade de estar solteira porque sou um porco-espinho impossível de amar e me cansei de levar nega atrás de nega... mas esse pensamento é aterrador, por isso enfio-o dentro do meu Baú Metálico da Desgraça e deixo-o lá ficar, ao lado da memória do meu primeiro e único amor a partir-me o coração.)

A Virginia inclina-me a cabeça para trás no lavatório de plástico do salão, que deve ser do tempo dos dinossauros, e começa a enxaguar e a lavar-me o cabelo. Então, em vez de relaxar, passo o tempo inteiro a convencer-me de que o meu pescoço não vai partir-se. Só quando volto à cadeira e a Virginia liga o secador é que ouço o nome que me faz engasgar mentalmente.

— Bem, também tenho uma novidade para partilhar. Já ouviram falar do Jack Bennett? — Duvido que a Shirley tenha noção de que, só com aquele nome, acabou de fazer com que o meu coração parasse de bater.

— O professor giro da escola primária onde vocês trabalham? — pergunta a Virginia, com um brilho um pouco exagerado nos olhos, cheio de entusiasmo.

Jack Bennett, também conhecido como o meu arqui-inimigo desde a faculdade, que se mudou há quatro meses e que hoje deveria estar a casar-se com uma mulher que, na minha opinião, não combina nada com ele. Mas isso não interessa nada.

— Esse mesmo. Pelos vistos, afinal não se casa hoje. O casamento foi cancelado poucas semanas depois de se terem mudado! Não é estranho?

O meu coração, que tinha parado, decide voltar a bater só para poder dramatizar e entrar em paragem cardíaca outra vez.

O Jack não vai casar-se hoje?

Isto não pode ser verdade...

Um rumor. É apenas um rumor.

Então por que raio estou a torcer para que seja verdade?

A Hannah anima-se e desiste por completo de fingir que está concentrada no corte, rodando o corpo na nossa direção.

— O que acham que aconteceu? Tem de ter sido algo muito grave para cancelarem o casamento depois de irem viver juntos.

O Jack. Não. Está. Casado.

— Não sei exatamente o que aconteceu, mas dizem que já nem sequer estão juntos — conta a Shirley, visivelmente orgulhosa por ter servido este pedaço fresquíssimo de escândalo a uma plateia faminta. — Mas sei que o Jack é um tipo muito simpático, por isso custa a acreditar que tenha traído alguém ou feito coisa semelhante.

E é esse o problema, não é? Toda a gente pensa isso do Jack. Todos os dias aparecia cheio de gentilezas, sorrisos encantadores, cabelo impecável e roupas ecléticas que, por algum motivo inexplicável, lhe assentavam sempre bem. Desempenhava na perfeição o papel de aspirante a Sr. Rogers. *Talvez se o Sr. Rogers tivesse tatuagens e, no fundo, fosse um demónio.*

O Jack era genuinamente encantador com toda a gente. Com toda a gente... menos *comigo*. Sou a única pessoa que conhece a sua verdadeira face... a única que sabe que, por baixo daqueles cardigãs aconche-gantes, se esconde um idiota e manipulador de primeira.

Como em qualquer boa relação de hostilidade, a nossa animosidade não nasceu de um único episódio. Foi antes uma soma de muitos, muitos pequenos momentos que se foram acumulando até se tornarem algo maior. Ao fim de uma década de convivência, juntámos tantos que já dava para abrir um museu cheio de recordações de ódio.

A Hannah olha para mim de soslaio e só então é que percebo que estou a sustentar a respiração. Talvez isso aconteça porque, apesar de o odiar com todas as minhas forças... também senti um bocadinho a falta dele. Eu sei, não faz sentido nenhum, e nem sequer gosto de pensar nisso.

— Sabes alguma coisa sobre o que aconteceu, Emily? — pergunta a Hannah. — Ele não dá aulas ao mesmo ano que tu?

Dava. O Jack dava aulas ao mesmo ano que eu, mas o seu último dia na Escola Primária de Rome foi bem antes das férias de inverno. Depois mudou-se para o Nebraska com a noiva e um professor substituto ficou com o seu lugar até ao final do ano letivo. No dia em que se foi embora, o Jack percorreu a escola para se despedir de toda a gente. *Menos de mim.* É um pormenor que ainda hoje me incomoda sem eu perceber bem porquê. Claro que não se despediu de mim. Porque haveria de o fazer? Não éramos amigos. Pelo contrário, éramos inimigos. E os inimigos não se despedem com abraços e palavras sentidas.

Agora todos os olhares estão postos em mim e, atenção, odeio verdadeiramente o Jack com todo o meu ser, mas... por alguma razão, também não tenho vontade nenhuma de falar mal dele nas costas. Não porque esteja a protegê-lo. Simplesmente prefiro fazê-lo na cara dele, para poder assistir à sua reação. É muito mais divertido assim.

Encolho os ombros e adoto um tom despreocupado de quem garante que não tem absolutamente nada de interessante para dizer.

— É a primeira vez que ouço falar disso. Mas, para ser sincera, faço tudo para evitar qualquer contacto com o Jack.

A Virginia ri-se.

— Tu e só tu, querida. Só o vi meia dúzia de vezes, mas aquele homem é *um espetáculo*. Se eu tivesse uma sala mesmo ao lado da dele, seria a primeira a pôr-me na fila para tentar a sorte com um solteirão daqueles.

— Por mim, estás à vontade — respondo, levantando-me da cadeira do salão, apesar de a Virginia ainda não me ter secado nem penteado o

cabelo. — Mas prepara-te, porque terás uma longa viagem pela frente. Ele agora vive no Nebraska. — Ainda assim, mesmo que continuasse por cá, duvido que saísse com ela. Os professores tentaram inúmeras vezes convencê-lo a aparecer em convívios fora da escola, mas ele tinha sempre uma desculpa impecavelmente preparada para explicar por que razão não podia ir. Para alguém tão simpático e atencioso, a verdade é que nunca pareceu ter grande interesse em fazer amigos.

É melhor assim. Com o Jack longe, nunca mais vou ter de chegar mais cedo à escola para garantir que fico com o melhor lugar de estacionamento. Nem discutir que tipo de grãos de café usar na máquina da sala dos professores. Ninguém voltará a disputar comigo os dias temáticos, nem a dizer que ir para a escola mascarado do nosso escritor preferido «é uma seca», só para tentar impor, em alternativa, o Dia do Mau Gosto. (Sim, pais, sabemos que estes dias são um pesadelo, mas os miúdos adoram-nos, por isso a decisão é deles. Se tiverem queixas, falem com o diretor Bart.)

Pensando bem, a única coisa de que me arrependo do dia em que o Jack se foi embora foi de ter saído para a rua a achar que... sei lá... devesse atirar-lhe uma última farpa antes de ele partir; em vez disso, fiquei apenas a vê-lo afastar-se ao volante do seu SUV ridículamente vistoso, sem me dedicar um único olhar. Nem um aceno, nem sequer um gesto obsceno pela janela. Mas, pensando bem, foi melhor assim. O que se diz, afinal, a alguém com quem se anda às turras desde a faculdade? «Foi um prazer odiar-te?»

Graças a esta conversa toda, sinto-me muito desconfortável. Preciso de me pôr a andar.

— Onde vais? — pergunta a Virginia, aflita, quando lhe entrego a capa. — Ainda não podes ir embora. Pareces uma cabra encharcada com essa franja colada à testa.

— Que lisonjeiro... obrigada — respondo, com uma gargalhada forçada, alisando a parte da frente da minha camisola de malha creme e puxando as pernas das *Levi's* para baixo, de modo a desfazer aquele efeito de cueca presa digno de registo histórico.

Lanço um olhar ao espelho e suspiro ao ver o meu cabelo húmido. Afinal, ela não está assim tão enganada. Tenho aquele tipo de cabelo que

não é propriamente encaracolado nem liso. Fica num meio-termo estranho e preguiçoso e, quando está molhado, parece indomável. Quando seca ao ar, roça o selvagem. Normalmente, estico-o ou faço-lhe alguns caracóis com o modelador, mas hoje só quero sair daqui.

— Já estou atrasada graças aos vossos mexericos suculentos — digo com um sorriso indulgente. — Vou buscar um café e depois tratar da minha vida.

— Dia complicado? — replica a Virginia.

A Shirley ri-se.

— A Emily nunca tem dias fáceis.

E não está errada. Mas, mais do que tudo (ou talvez menos, dependendo da perspectiva), quero simplesmente pôr-me a andar para poder parar de pensar no Jack Bennett e deixar de me perguntar se ele está bem depois do noivado falhado... mesmo sabendo que nunca mais o voltarei a ver. Mesmo sabendo que, muitas vezes, preferia arrancar as pestanas uma a uma a ter de interagir com ele. Mesmo sabendo que nem sequer se despediu de mim.